

ELIZABETH  
FREMANTLE

XEQUE-  
-MATE *da*  
RAINHA

---

*A história de um amor  
proibido dentro da perigosa  
corte de Henrique VIII*

Tradução  
MARIA ALICE STOCK

BR  
BR  
BR  
BR

Copyright © 2013 by Elizabeth Fremantle

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Queen's Gambit

CAPA Claudia Espínola de Carvalho

FOTO DE CAPA © Małgorzata Maj/ Trevillion Images

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Vivian Miwa Matsushita e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fremantle, Elizabeth

Xeque-mate da rainha: a história de um amor proibido dentro da perigosa corte de Henrique VIII / Elizabeth Fremantle ; tradução Maria Alice Stock. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2016.

Título original: Queen's Gambit.

ISBN 978-85-8439-003-8

1. Catharine Parr, Rainha, consorte de Henrique VIII, Rei da Inglaterra, 1512-1548 — Ficção 2. Grã-Bretanha — História — Henry VIII, 1509-1547 — Ficção 3. Ficção histórica inglesa I. Título.

15-03457

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.editoraparela.com.br](http://www.editoraparela.com.br)

[atendimentoao leitor@editoraparela.com.br](mailto:atendimentoao leitor@editoraparela.com.br)

*Palácio de Whitehall, Londres, março de 1543*

Uma neve tardia caiu e as torres cobertas de branco do Palácio de Whitehall desaparecem contra o céu. O pátio está forrado de neve suja semiderretida até a altura dos calcanhares e, apesar da serragem que foi espalhada, formando uma trilha improvisada sobre as pedras, Katherine sente o frio úmido encharcar os sapatos, a barra molhada de suas saias batendo gelada nos tornozelos. Ela está tiritando; joga a capa espessa em volta do corpo enquanto o cavaliariço ajuda Meg a descer.

“Aqui estamos”, diz alegremente, estendendo a mão para Meg, embora alegria seja a última coisa que sinta.

O rosto de sua enteada está vermelho. A cor realça seus olhos castanhos, dando-lhes uma aparência fresca e límpida. Ela tem o olhar doce e ligeiramente assustado de um animal silvestre, mas Katherine consegue perceber o esforço que faz para segurar mais lágrimas. Reagiu mal à morte do pai.

“Venha”, diz Katherine, “vamos para dentro.”

Dois cavaliariços desselam os cavalos e escovam-nos energicamente com punhados de palha, trocando gracejos. O cavalo cinza de Katherine, Pewter, mexe a cabeça, fazendo tilintar o arreio, e relincha, lançando nuvens de vapor no ar como um dragão.

“Calma, garoto”, diz Katherine, que segura a rédea e acaricia o focinho aveludado, deixando-o fungar em seu pescoço. “Ele precisa beber alguma coisa”, diz ao cavaliariço, entregando-lhe as rédeas. “Seu nome é Rafe, não é?”

“Sim, senhora”, ele responde. “Lembro-me de Pewter. Fiz uma compressa nele uma vez.” Seu rosto fica vermelho de vergonha.

“Sim, ele estava mancando. Você fez um ótimo trabalho.”

O rosto do rapaz se abre em um sorriso. “Obrigado, senhora.”

“Sou *eu* quem deveria agradecer”, diz ela, enquanto Rafe leva Pewter para o estábulo. Ela segura a mão da enteada e dirige-se à porta principal.

Está entorpecida de tristeza há semanas e preferiria não ter que ir à corte tão pouco tempo depois da morte do marido, mas foi convocada — Meg também —, e uma ordem vinda da filha do rei não é algo que se possa recusar. Além disso, Katherine gosta de Lady Mary, conheceram-se quando

crianças, até tiveram o mesmo tutor quando a mãe de Katherine servia a mãe de Mary — a rainha Catherine de Aragón —, antes de o rei mandá-la embora. As coisas eram mais simples naquela época, antes do cisma, quando tudo ficou de ponta-cabeça, o país fendido em dois. Mas não vão ordenar que fique na corte ainda. Mary respeitará seu período de luto.

Quando pensa em Latymer e no que fez para ajudá-lo a partir, um turbilhão se ergue dentro dela como uma panela de leite fervendo. Precisa se lembrar do horror de tudo aquilo para se reconciliar com suas ações: os gritos angustiados, a forma como seu próprio corpo tinha se voltado contra ele, seu pedido desesperado. Procurou na Bíblia desde então um precedente, mas não há histórias de morte por misericórdia ali, nada para dar esperança a sua alma desonrada, e não há como escapar. Ela matou o marido.

Katherine e Meg entram no grande salão, ainda de mãos dadas. Cheira a lã molhada e madeira queimada e está fervilhando de gente, movimentado como uma praça de mercado. As pessoas circulam pelas alcovas e pavoneiam-se nas galerias, exibindo suas roupas finas. Nos cantos, algumas jogam jogos de tabuleiro, cartas ou dados, apostando. Ocasionalmente fazem uma algazarra quando alguém ganha ou perde. Katherine observa Meg, espantada diante de tudo aquilo. A menina nunca esteve na corte, mal esteve fora de casa, e depois da tranquilidade mortal de Charterhouse, toda coberta de preto, aquilo deve ser um rude despertar. Formam um par sóbrio com seus trajes de luto entre os bandos de damas com roupas vistosas que passam por elas, conversando animadamente, os vestidos elegantes balançando conforme se movem, como se estivessem dançando, sempre olhando em volta procurando quem notou quão bem-vestidas estão, ou para reparar, com inveja, nas que estão trajadas melhor. Gostam de pequenos cachorros, que ficam aninhados em seus braços como regalos ou trotam a seus pés. Até Meg consegue rir ao ver um que pegou carona na cauda da dona.

Pajens e arautos vão de um lado para o outro e pares de serviçais passam entre as pessoas, carregando cestos de lenha destinados a alimentar as lareiras nas salas públicas. Mesas compridas estão sendo dispostas para o jantar no grande salão por um exército de rapazes da cozinha, que tagarelam e fazem barulho, cada um equilibrando uma braçada de pratos. Um grupo de músicos afina os instrumentos, as cordas dissonantes finalmente transformam-se em algo como uma melodia. Música enfim, pensa Katherine, imaginando-se carregada pelo som, rodopiando e girando até mal poder respirar de alegria. Ela interrompe o pensamento. Não pode dançar ainda.

Param diante de um bando de guardas que passa marchando e ela se pergunta se vão prender alguém, lembrando-se de quão pouco quer estar naquele lugar. Mas uma ordem é uma ordem. Leva um susto quando duas

mãos chegam do nada e cobrem seus olhos, fazendo seu coração subir para a garganta.

“Will Parr”, ela exclama, rindo.

“Como você sabia?”, pergunta Will, abaixando as mãos.

“Reconheceria seu cheiro em qualquer lugar, irmão”, ela diz com sarcasmo, tampando o nariz como se estivesse com nojo e virando-se de frente para ele, que está no meio de um grupo de homens e sorri como um menininho, o cabelo acobreado espetado onde antes estava o chapéu, os olhos de cores diferentes — um cor de água, outro caramelo — brilhando a sua maneira irreverente.

“Lady Latymer. Mal posso me lembrar da última vez que a vi.” Um homem dá um passo adiante. Tudo nele é comprido: nariz comprido, rosto comprido, pernas compridas e olhos que têm algo de cão de caça. Mas de algum modo a natureza conspirou para deixá-lo bastante atraente apesar da estranheza. Talvez tenha algo a ver com a confiança inabalável que vem de ser o mais velho dos irmãos Howard e o próximo duque de Norfolk.

“Surrey!” Um sorriso invade seu rosto. Talvez não seja tão ruim na corte, com todos esses rostos conhecidos por perto. “Ainda faz versos?”

“Sim. Vai gostar de saber que melhorei muito.”

Uma vez ele escrevera um soneto para ela, quando eram pouco mais que criancinhas, e riam daquilo com frequência desde então — “virtude” rimava com “amiúde”. A lembrança lhe dá vontade de rir. Uma de suas “vergonhas juvenis”, como ele dizia.

“Sinto muito por vê-la de luto”, continua ele, agora sério. “Mas ouvi dizer quanto seu marido sofreu. Talvez seja uma bênção que tenha falecido afinal.”

Ela assente com a cabeça, o sorriso se desfaz, é incapaz de encontrar palavras para responder; pergunta-se se ele suspeita dela, esquadrinha seu rosto em busca de sinais de acusação. As circunstâncias da morte de Latymer foram descobertas? Estão falando disso nos corredores do palácio? Talvez os embalsamadores tenham visto alguma coisa — seu pecado escrito nas entranhas do marido. Ela desconsidera essa ideia. O que deu a ele não deixa rastro e não há acusação no tom de Surrey, é certo. Caso apareça no rosto dela, vão pensar que está perturbada de tristeza, mas mesmo assim seu coração está batendo forte.

“Deixe-me apresentar minha enteada, Margaret Neville”, ela diz, recompondo-se.

Meg está logo atrás com um olhar mal disfarçado de horror frente à ideia de ter que ser apresentada a esses homens, mesmo que um deles seja Will, que é praticamente seu tio. O desconforto está estampado nela. Desde

aqueles acontecimentos malditos em Snape, Katherine a tem mantido afastada da companhia de homens tanto quanto pode, mas agora não há escolha. Além do mais, ela terá que se casar em algum momento. Katherine deverá cuidar disso mas, Deus sabe, a garota ainda não está pronta.

“Margaret”, diz Surrey, tomando a mão de Meg. “Conheci seu pai. Era um homem notável.”

“Era, sim”, ela murmura com um sorriso vago.

“Você não vai *me* apresentar a sua irmã?” Um homem se levanta, alto, quase tanto quanto Surrey. Tira a boina de veludo adornada por uma pena de avestruz enorme que balança e dança com o floreio desnecessário da mesura.

Katherine suprime uma risada que surge do nada. Ele está vestido de forma espetacular, um gibão de veludo preto com seda vermelha saindo pelas fendas e uma gola de zibelina. Parece se dar conta de que ela reparou na zibelina, pois levanta a mão para acariciá-la, como para enfatizar sua posição. Katherine se esforça para lembrar a lei suntuária e quem tem direito de usar zibelina, tentando identificar onde ele se encaixa. As mãos dele estão carregadas de anéis, além do bom gosto, mas seus dedos são belos e finos e passeiam entre a zibelina e a boca. Ele põe o dedo do meio sobre o lábio inferior deliberadamente devagar, sem sorrir. Mas seus olhos, azuis — obscenamente azuis — e seu olhar direto, desarmador, fazem Katherine corar. Ela o olha nos olhos só por um instante e nota uma ligeira agitação, mas em seguida encara o chão.

Ele piscou para ela? Que insolência. Piscou para ela. Não, deve ter sido sua imaginação. Mas então por que está imaginando esse tolo empertigado piscando?

“Thomas Seymour, esta é minha irmã, Lady Latymer”, anuncia Will, que parece estar se divertindo com o que quer que tenha acabado de acontecer.

Ela deveria ter percebido. Thomas Seymour é publicamente conhecido pelo dúbio título de “homem mais perfeito da corte”, objeto incessante de fofocas, paixões juvenis, corações partidos, discórdia entre casais. Admite para si mesma seus atrativos; é uma beldade, isso é inegável, mas ela não será enfeitiçada por seus encantos, já viveu demais para isso.

“É uma honra, senhora”, diz ele com uma voz macia como manteiga batida, “finalmente conhecê-la afinal.”

Surrey revira os olhos.

Então não estou perdendo nada, ela pensa. “Finalmente *e* afinal!” Escapa de sua boca antes que consiga impedir; não consegue suprimir a vontade de pôr aquele homem em seu lugar. “Meu Deus!” Põe a mão sobre o peito fingindo estar exageradamente surpresa.

“De fato, senhora, ouvi falar de sua beleza”, ele continua calmamente, “e ver-me diante dela me deixa sem fala.”

Ela se pergunta se, por beleza, ele se refere a sua recém-adquirida fortuna. Notícias de sua herança devem ter circulado. Will, por exemplo, não consegue manter a boca fechada. Sente um repente de raiva pelo irmão e seu falatório.

“Sem fala?” Este é um galanteador, pensa, procurando uma resposta mordaz. Mantém o olhar firme em sua boca, sem ousar olhá-lo nos olhos novamente, mas sua língua rosada e úmida aparece, perturbadora. “Surrey, o que acha? Seymour mordeu a língua.” Surrey e William começam a rir, e ela quebra a cabeça buscando uma resposta, então enuncia: “E pode ser sua ruína”.

Os três homens caem juntos na gargalhada. Katherine sente-se triunfante; sua inteligência não a abandonou, nem mesmo frente a essa criatura perturbadora.

Meg olha espantada para a madrastra. Não teve muitas oportunidades de ver essa Katherine, a dama da corte perspicaz. Katherine sorri para Meg, tranquilizando-a, enquanto Will a apresenta a Seymour, que olha para ela como se fosse comestível.

Katherine pega sua mão, dizendo: “Venha, Meg, vamos nos atrasar para ver Lady Mary”.

“Tão breve e ainda assim tão doce.” Seymour sorri, afetado.

Katherine o ignora, dá um beijo no rosto de Surrey e, ao se afastar, dá meia-volta e abaixa a cabeça na direção de Seymour, por polidez.

“Vou acompanhá-las”, diz Will, deslizando entre as duas e dando um braço a cada uma.

“Eu gostaria que você não discutisse minha herança com seus amigos”, Katherine diz sibilante, quando estão nas escadarias, fora do alcance dos outros.

“Você acusa rápido demais, irmã. Eu não disse nada. A notícia acabou se espalhando, era inevitável, mas...”

Ela o interrompe. “Então o que era tudo aquilo sobre minha famosa beleza?”

“Kit”, ele ri, “realmente acho que ele estava se referindo a sua beleza.”

Ela bufa.

“Você precisa ser sempre a irmã mais velha mal-humorada?”

“Desculpe, Will. Você tem razão, não é sua culpa que as pessoas estejam comentando.”

“Não, sou *eu* quem tem que pedir desculpas. As coisas têm sido difíceis para você.” Ele segura a seda preta do vestido dela entre os dedos. “Você está de luto. Eu deveria ter tomado mais cuidado.”

Caminham em silêncio pela longa galeria em direção aos aposentos de Lady Mary. Will parece cismado e Katherine suspeita que esteja pensando que gostaria que fosse ele de luto pela esposa. Os dois se odeiam desde que se conheceram. Anne Bouchier, a única herdeira do idoso conde de Essex, era o prêmio que sua mãe havia conquistado quase implorando para seu único filho. Com Anne Bouchier vieram grandes expectativas, entre elas o título de Essex para levar os Parr um ou dois degraus acima. Mas o casamento não trouxera nada ao pobre Will, nenhum filho, nenhum título, nenhuma felicidade; nada além de desgraça, pois o rei deu o condado a Cromwell e Anne fugiu com um clérigo do interior. Will não conseguia se livrar do escândalo, era sempre assediado com piadas sobre “enganos clericais”, “esconderijos de padre” e “mitra”. Não via graça nenhuma e, não importa quanto tentasse, não conseguia fazer o rei sancionar seu divórcio.

“Está pensando em sua esposa?”, ela pergunta.

“Como você sabe?”

“Conheço você mais do que imagina, Will Parr.”

“Ela teve outro fedelho com aquele maldito padre.”

“Ah, Will, o rei vai acabar mudando de ideia e você poderá fazer de Lizzie Brooke uma mulher honesta.”

“Lizzie está perdendo a paciência”, Will resmungo. “Quando penso nas esperanças que mamãe tinha nesse casamento, em tudo que fez para arranjá-lo...”

“Bem, ela não viveu para ver dar errado. Talvez isso tenha sido bom.”

“Era seu maior desejo ver os Parr novamente em ascensão.”

“Nosso sangue é bom o bastante, Will. Nosso pai serviu o velho rei e seu pai serviu Edward IV, nossa mãe serviu a rainha Catherine.” Ela conta os familiares nos dedos. “Você quer mais?”

“Isso é história”, Will diz num grunhido. “Nem me lembro de meu pai.”

“Só tenho vagas lembranças dele”, ela diz, embora lembre-se claramente do dia em que foi enterrado; quão indigna ela se sentira por ser considerada jovem demais, aos seis anos, para ir ao funeral. “Além do mais, nossa irmã Anne serviu todas as cinco rainhas e agora serve a filha do rei. E é provável que eu a sirva também.” Ela fica irritada com a ambição do irmão, tem vontade de dizer que, se ele se importa tanto com a ascensão dos Parr, deveria buscar favores junto às pessoas certas em vez daquele sujeito. Seymour pode ser tio do príncipe Edward, mas é seu irmão Hertford que tem voz com o rei.

Will começa sua ladainha novamente, mas parece pensar melhor. Os dois continuam a caminhar em silêncio, serpenteando entre a multidão que circula em frente aos aposentos do rei.

Então ele aperta seu braço, dizendo: “O que acha de Seymour?”.